SCIENTIA INTERNATIONAL PRESS EDITORA CLAEC

SCIENTIA GLOBAL EDITIONS: CLAEC e-BOOKS CAPÍTULO DE LIVRO

PUBLICAÇÃO ANTECIPADA

Elementos para uma análise do fascismo

Elements for an Analysis of Fascism

Michel Goulart da Silva[1]

[1] Instituto Federal Catarinense, Santa Catarina, Brasil · ROR: https://ror.org/02f8h1m78 · ORCID: https://orcid.org/0000-0002-3281-3124 · autoria correspondente: michelgsilva@yahoo.com.br

ESTE CAPÍTULO		OBRA EM PREPARAÇÃO	
DOI	https://doi.org/10.56365/96tgb419	Título	Marxismo: política, sociedade e cultura
Recebido em	15/11/2026	Organização	Michel Goulart da Silva
Aceito em	17/11/2026	ISBN	-
Publicado online	17/11/2026	DOI da obra	https://doi.org/10.56365/qhsa7637
Versão	v1	Previsão	2026
Idiomas	Português - Inglês	Avaliação	17/11/2026
Licença	CC BY 4.0	Pareceristas	Equipe editorial

Bloco preenchido pela equipe editorial. Não escreva nesta área.

COMO CITAR

AGORA	Silva, M. G. da (2026). Elementos para uma análise do fascismo. In M. G. da Silva (Org.), Marxismo: política, sociedade e cultura - publicação antecipada. Scientia International Press; Editora CLAEC. https://doi.org/10.56365/96tgb419
DEPOIS	*A referência recebe o título definitivo da obra, o ISBN e o intervalo de páginas quando o livro completo for publicado. O DOI e a data de publicação antecipada não mudam.*

Resumo

Discutem-se neste ensaio as possibilidades de uso do conceito de fascismo a partir de alguns aspectos analisados em estudos clássicos acerca do tema. Para tanto, são apresentados alguns aspectos das ideias elaboradas por Leon Trotsky, Wilhelm Reich, Leandro Konder e Florestan Fernandes. Por meio desses autores, procura-se demonstrar as particularidades do fascismo enquanto fenômeno político que ainda persiste na sociedade no tempo presente e as diferentes formas que pode assumir em diferentes contextos e lugares. Com isso, procura-se discutir as particularidades do fenômeno, relacionado a aspectos sociais, culturais e até mesmo morais, com as diferentes manifestações de fascismo ao longo da história.

Palavras-chave: fascismo, conservadorismo, marxismo

Abstract

This essay discusses the possibilities of using the concept of fascism based on some aspects analyzed in classical studies on the subject. To this end, it presents aspects of the ideas developed by Leon Trotsky, Wilhelm Reich, Leandro Konder and Florestan Fernandes. Through these authors, it seeks to show the particularities of fascism as a political phenomenon that still persists in society today and the different forms it can take in different contexts and places. It thus discusses the particularities of the phenomenon, related to social, cultural and even moral aspects, together with the different manifestations of fascism throughout history.

Keywords: fascism, conservatism, Marxism

Nos últimos anos, observa-se o crescimento de posições políticas com base em ideias conservadoras, que se expressam em pelo menos três aspectos.[1] O primeiro e mais evidente passa pelo crescimento da popularidade de lideranças políticas reacionárias, em diferentes países, como Donald Trump e Jair Bolsonaro. O segundo, mais difuso, passa pela proliferação de ideias conservadoras, que se manifestam, entre outras formas, nas posições de ódio contra as esquerdas e no crescimento de um moralismo religioso que defende a chamada "família tradicional". O terceiro aspecto tem relação com o fato de esse conservadorismo se manifestar também no crescimento de organizações militantes, como é o caso do Movimento Brasil Livre (MBL), no Brasil, e até mesmo no reaparecimento de ideias de extrema direita que marcaram outros momentos históricos, como o fascismo, o nazismo e, no caso do Brasil, o integralismo.

Embora seja perceptível o crescimento do conservadorismo ou mesmo do fascismo, sua presença na sociedade continua a ser pequena, havendo inclusive uma grande rejeição por grande parte da população. Contudo, muitas de suas ideias, como o racismo ou o moralismo religioso, se manifestam de forma fragmentada na sociedade, dando a impressão de que o peso político do fascismo ou de suas variantes pareça ser maior do que são realmente. Por isso, é necessário que se tenha cuidado no uso de conceitos como o de "fascismo", "nazismo" e "extrema direita", sob o risco de analisar de forma equivocada o fenômeno. Esse problema do uso equivocado do conceito não parece ser exclusivo da atualidade. Konder (2009, p. 25) alertava, na década de 1970:

> Por seu teor explosivo, a palavra "fascista" tem sido frequentemente usada como arma na luta política. É compreensível que isso ocorra. Para efeito de agitação, é normal que a esquerda se sirva dela como epíteto injurioso contra a direita. No entanto, esse uso exclusivamente agitacional pode impedir a esquerda, em determinadas circunstâncias, de utilizar o conceito com o necessário rigor científico.

Contudo, isso não significa afirmar que o fascismo tenha deixado de existir como fenômeno político. Pelo contrário, é possível afirmar que "o fascismo não perdeu, como realidade histórica, nem seu significado político nem sua influência ativa" (Fernandes, 2015, p. 33). Embora tenha sido derrotado no campo de batalha, o fascismo, "como ideologia e utopia, persistiu até hoje, tanto de modo difuso, quanto como uma poderosa força política organizada". (Fernandes, 2015, p. 33). O fascismo acabou assumindo outras características, se constituindo em uma manifestação ideológica de setores da extrema direita e inclusive incorporando alguns de seus elementos ao Estado. O fascismo, portanto,

> [...] é um fenômeno estrutural, cuja manifestação assume formas específicas nos distintos contextos históricos. São formas históricas que expressam uma mesma

1 Os diferentes aspectos desse recente ascenso do conservadorismo foram anteriormente abordados em Silva (2018, 2019, 2020, 2021, 2022a e 2022b).

> estrutura persistente, que se engendra com maior ou menor intensidade ao longo do desenvolvimento do capitalismo (Robaina, 2025, p. 41).

Mostra-se fundamental, nesse sentido, o estudo acerca do fascismo em outros momentos históricos, comparando com contextos políticos diversos e estudando obras que tenham analisado esses fenômenos, apontando para um método de compreensão da realidade que possibilite evitar o uso equivocado do conceito. Uma obra fundamental nesse debate é *Psicologia de massas do fascismo* (1933), na qual Wilhelm Reich busca analisar os elementos subjetivos que levaram uma parcela da população alemã a apoiar o nazismo. Sua obra dialoga com os escritos do revolucionário russo Leon Trotsky produzidos no mesmo contexto e que também analisam o fenômeno de ascenso do nazismo na Alemanha.

Um elemento de convergência entre Reich e Trotsky passa pela avaliação de que o Partido Comunista Alemão (PCA), com uma compreensão equivocada acerca da situação política concreta, ao não reconhecer o perigo do crescimento do nazismo, acabou por ter uma parcela de responsabilidade pela vitória da extrema direita. Segundo Trotsky, “os comunistas e os socialdemocratas poderiam ter organizado a unidade defensiva”, mas “a cegueira dos dirigentes o impediu” (Trotsky, 1976, p. 201). Para Reich, o marxismo mecanicista predominante no período limitou sua análise à esfera dos processos objetivos da economia e das políticas governamentais, sem compreender nem estudar o desenvolvimento e as contradições do chamado “fator subjetivo” da história. Essa formulação teórica que no período predominava no PCA, chamada por Reich de “marxismo comum”, separa a existência econômica da existência social e afirma, de forma equivocada, que a ideologia e a consciência são “determinadas *exclusiva* e *diretamente* por sua existência econômica” (Reich, 2001, p. 13-4).

Segundo Reich, para compreender o processo de produção da consciência, seria preciso levar em conta que as condições materiais não produzem mecanicamente a estrutura psicológica das massas, ou seja, “a ideologia de cada agrupamento social tem a função não só de refletir o processo econômico dessa sociedade, mas também – e principalmente – de inserir esse processo econômico *nas estruturas psíquicas dos seres humanos dessa sociedade*” (Reich, 2001, p. 17). Os seres humanos estão sujeitos às condições de sua existência tanto de um modo direto, pelos efeitos imediatos da sua situação socioeconômica, como de um modo indireto, pela estrutura ideológica da sociedade. Segundo Lenin (1982, p. 244-5),

> [...] o ser social e a consciência social não são idênticas, exatamente como não são idênticos o ser em geral e a consciência em geral. Do fato de que os homens, ao estabelecerem um intercâmbio, o estabelecem como seres conscientes, *não se segue* de modo nenhum que a consciência social seja idêntica ao ser social. Em todas as formações sociais minimamente complexas – e particularmente na

> formação social capitalista – os homens, ao estabelecerem um intercâmbio, *não têm consciência* de quais as relações sociais que se formam, das leis segundo as quais elas se desenvolvem etc.

Diante da simplificação da realidade feita pelo “marxismo comum”, Reich, analisando a Alemanha pré-nazista, lembra que “o trabalhador não é nem nitidamente reacionário nem nitidamente revolucionário, mas está enredado nas contradições entre tendências reacionárias e tendências revolucionárias” (Reich, 2001, p. 22). Essa afirmação de Reich é fundamental para não se atribuir aos trabalhadores uma tendência quase que natural a qualquer uma das posições, sendo preciso analisar a situação concreta, suas contradições e como isso se expressa na formação de ideologias e da própria consciência das diferentes classes e suas frações. Reich (1976, p. 14) enfatiza que, por mais contraditório que isso possa ser, o fascismo “tomou o poder precisamente com a ajuda dos sentimentos anticapitalistas dos seus partidários”. Konder (2009, p. 37) corrobora essa compreensão, ao apontar que

> [...] tanto na Alemanha quanto na Itália, os trabalhadores eram convidados a ver em seus compatriotas capitalistas não os beneficiários de um sistema social baseado na exploração interna, mas sim *colegas proletarizados (ou em vias de proletarização), vítimas de um sistema de exploração internacional*.

O uso demagógico das ideias antissistema é recorrente nessas ideologias reacionárias. Por isso, é fundamental analisar a situação concreta, os interesses políticos e a perspectiva ideológica das diferentes classes ou de suas frações. Nesse sentido, segmentos heterogêneos, como as diferentes classes médias, acabam por oscilar entre as diferentes posições de classes existentes. Para Trotsky (1994, p. 34),

> [...] a sociedade burguesa contemporânea se compõe de três classes: a grande burguesia, o proletariado e as classes médias, ou pequena burguesia. As relações entre estas classes determinam, em última instância, a situação política. As classes fundamentais são a grande burguesia e o proletariado. Estas duas classes são as únicas que podem ter uma política independente, clara e consequente. A pequena burguesia se caracteriza por sua dependência econômica e sua heterogeneidade social. Sua camada superior toca imediatamente a grande burguesia. Sua camada inferior se mescla com o proletariado, e chega mesmo a cair no estado de lumpemproletariado. De acordo com sua situação econômica, a pequena burguesia não pode ter uma política independente. Oscila sempre entre os capitalistas e os operários.

Reich aponta que a base social da extrema direita está centrada nos setores médios da sociedade. O nazismo teria se apoiado em largas camadas das classes médias, ou seja, em “milhões de funcionários públicos e privados, comerciantes de classe média e de agricultores de classe média e baixa” (Reich, 2001, p. 37). Essa classe média, que antes havia apoiado a democracia burguesa, sofreu uma transformação interna, responsável por sua mudança de posição política. Reich afirma que “a classe média baixa fascista é igual à classe média baixa liberal-democrática; apenas se distinguem porque vivem em diferentes fases históricas do

capitalismo" (Reich, 2001, p. 37). Para Reich, a posição social da classe média é determinada pela sua localização no processo de produção capitalista, no aparelho de Estado autoritário e por sua situação familiar especial. Essa análise da composição social do fascismo também é apresentada em outras análises, como nos textos de Leon Trotsky, quando, entre outras coisas, afirma:

> Os principais efetivos do fascismo continuam a ser constituídos pela pequena burguesia e pela nova classe média que se formou: pequenos artesãos e empregados do comércio nas cidades, funcionários, empregados técnicos, intelectuais, camponeses arruinados (Trotsky, 2011, p. 45).

Outro aspecto relevante da análise de Reich foi a sua crítica às interpretações do PCA. Segundo Reich (2001, p. 7), o "marxismo comum", representado pelo PCA, afirmava que a crise econômica então vivenciada "conduziria *necessariamente* a uma orientação ideológica esquerdista das massas por ela atingidas". Contudo, a esperada virada à esquerda na ideologia das massas acabou conduzindo a uma virada para a direita inclusive em setores das camadas proletárias da população, resultando em "uma clivagem entre a base econômica, que pendeu para a esquerda, e a ideologia das largas camadas da sociedade, que pendeu para a direita" (Reich, 2001, p. 7).

Trotsky também formulou uma crítica à compreensão mecânica do desenvolvimento da consciência dos operários. Entre outros elementos, o revolucionário russo procurou analisar como esse fenômeno se expressava no comportamento eleitoral dos trabalhadores. Segundo Trotsky (2011, p. 57),

> [...] o fato de que cinco ou seis milhões de operários e operárias tenham votado na socialdemocracia não significa, absolutamente, que lhe tenham dado confiança plena e ilimitada. É preciso não considerar os operários socialdemocratas como cegos, e eles não são tão ingênuos a respeito de seus dirigentes, mas não veem outra saída para a situação atual. Não falamos, evidentemente, da aristocracia e da burocracia proletária, mas dos operários da base. A política do KPD não conquista a sua confiança, não porque o KPD seja um partido revolucionário, mas porque eles não acreditam na sua capacidade de alcançar uma vitória revolucionária, e por isso não desejam arriscar a cabeça sem proveito.

O fato de setores de massas penderem para a direita tem relação com um amálgama de sentimentos, preocupações e perspectivas em meio à situação concreta de crise. Embora nesse processo possa-se observar a ligação das massas com a figura de Hitler, esse fato sozinho não explica o processo como um todo. Segundo Reich, o representante de uma ideia só pode ter êxito "quando a sua visão individual, a sua ideologia ou o seu programa encontram eco na estrutura média de uma ampla camada de indivíduos" (Reich, 2001, p. 32). Nesse sentido, segundo Reich, referindo-se ao êxito do nazismo, "foi a estrutura humana autoritária, que teme a liberdade, que possibilitou o êxito de sua propaganda. Por isso, a importância de

Hitler, do ponto de vista sociológico, resulta, não da sua personalidade, mas da importância que lhe conferem *as massas*" (Reich, 2001, p. 32).

Reich também analisa o discurso moralista e a defesa da família patriarcal em sua relação com o nazismo. Segundo Reich, "o objetivo da moralidade é a criação do indivíduo submisso que se adapta à ordem autoritária, apesar do sofrimento e da humilhação", sendo a família "o Estado autoritário em miniatura, ao qual a criança deve aprender a se adaptar, como uma preparação para o ajustamento geral que será exigido dela mais tarde" (Reich, 2001, p. 28). Reich afirma que o combate à sexualidade das crianças e dos adolescentes na sociedade autoritária "processam-se no quadro da família autoritária, que se tem revelado a melhor instituição para levar a cabo esse combate com êxito" (Reich, 2001, p. 51). O medo da "liberdade sexual", que nas concepções reacionárias "se confunde com o caos sexual e a dissipação", inibe o "desejo de libertação do jugo da exploração econômica" (Reich, 2001, p. 55). Nessa relação de fatores tanto econômicos como estruturais, "a família autoritária apresenta-se como a principal e a mais essencial fonte reprodutora de todo o pensamento reacionário; é a fábrica onde a ideologia e a estrutura reacionária são produzidas" (Reich, 2001, p. 55).

Essa questão da família acaba sendo aproximada da ideia de nação, fazendo com que o fascismo se aproprie de elementos retóricos nacionalistas. Contudo, esse nacionalismo "por seu conteúdo de classe e pelas condições em que é posto em prática, *exige a manipulação das massas populares*" (Konder, 2009, p. 39-40). Essa ideia de nação dos fascistas, "apesar de sua fragilidade intrínseca", teve como consequência o fato de que "o fascismo conseguiu recrutar adeptos em todas as classes sociais (inclusive nas classes que nada teriam a lucrar com a sua política)" (Konder, 2009, p. 43).

Deve-se destacar ainda que a extrema direita não é um movimento conservador homogêneo. Reich (2001, p. XVIII) aponta que o fascismo "não é, como geralmente se crê, um movimento exclusivamente reacionário, mas sim um amálgama de sentimentos de *revolta* e ideais sociais reacionários". Na base dos movimentos de extrema direita encontra-se sentimento de mudança diante da crise social, o que não necessariamente leva a uma mudança progressista, diante da ausência de uma direção política dos trabalhadores. A situação econômica não se traduz automaticamente em consciência política pelo fato "de que as *contradições* da estrutura econômica da sociedade estão enraizadas na estrutura psicológica das massas oprimidas" (Reich, 2001, p. 22).

Trotsky, ao fazer uma avaliação da chegada ao poder de Hitler, em 1933, procurava também demonstrar essa dialética entre situação concreta, ideologia e até mesmo psicologia. Segundo Trotsky (1976, p. 200-1),

> [...] o movimento de Hitler conquistou a vitória graças aos esforços de dezessete milhões de desesperados, o que demonstra que a Alemanha perdeu a fé em uma Europa decadente, convertida pelo Tratado de Versalhes em um manicômio sem camisas de força. O triunfo do partido do desespero somente foi possível graças a que o socialismo, o partido da esperança, foi incapaz de tomar o poder.

Compreender o fascismo e seu ascenso, seja na década de 1930, seja em suas expressões mais recentes, vai muito além de denúncias que esquecem seu conteúdo de classe, confundindo o uso explicativo do conceito com o uso como ferramenta de disputa política. Portanto, a vulgarização de seu uso, remetendo a ele qualquer movimento de direita ou manifestação de conservadorismo, faz com que o combate a ele seja enfraquecido, diluindo seu conteúdo em fenômenos de diferentes naturezas. Por outro lado, ao esvaziar seu conteúdo de classe, simplificando-o a uma mera manifestação ideológica, faz com que se perca a noção da necessidade de se lutar contra o capitalismo. Nesse sentido, o socialismo precisa não apenas tomar o conceito de fascismo em seu caráter científico, analisando os fenômenos da realidade, como efetivamente mobilizá-lo no combate a todos os movimentos reacionários e conservadores.

Declarações

Financiamento. Não informado no manuscrito.

Conflitos de interesse. Não informados no manuscrito.

Ética em pesquisa. Não se aplica ao capítulo, de natureza teórico-bibliográfica.

Uso de inteligência artificial. Não informado no manuscrito.

Disponibilidade de dados. Não se aplica. O capítulo não apresenta dados originais.

Contribuição das autorias. Michel Goulart da Silva é o único autor do capítulo.

Referências

FERNANDES, Florestan (2015). *Poder e contrapoder na América Latina*. São Paulo: Expressão Popular.

KONDER, Leandro (2009). *Introdução ao fascismo*. São Paulo: Expressão Popular.

LÊNIN, V.I. (1982). *Materialismo e empiriocriticismo*. Moscovo: Progresso; Lisboa: Avante.

REICH, Wilhelm (1976). *O que é consciência de classe?* São Paulo: Martins Fontes.

REICH, Wilhelm (2001). *Psicologia de massa do fascismo*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes.

ROBAINA, Roberto (2025). *A ascensão da extrema direita e o freio da emergência*. Porto Alegre: Movimento.

SILVA, Michel Goulart da (2018). *Os riscos da democracia*: da “transição lenta e gradual” à “onda conservadora” (Relatório de Pós-Doutorado). Florianópolis: UDESC.

SILVA, Michel Goulart da (2019). “O Escola Sem Partido como expressão do ideário militar”. *Germinal*, vol. 10, n. 3.

SILVA, Michel Goulart da (2020). “Reflexões sobre o marxismo cultural”. *Boletim de Conjuntura (BOCA)*, vol. 1, n. 3.

SILVA, Michel Goulart da (2021). *Brasil no tempo presente*. Boa Vista: Editora IOLE.

SILVA, Michel Goulart da (2022a). “Notas acerca do conservadorismo”. *Boletim de Conjuntura (BOCA)*, nº 25, p. 1-4.

SILVA, Michel Goulart da (2022b). *Governo Bolsonaro*: ideologia, política e luta de classes. Boa Vista: IOLE.

TROTSKY, Leon (1976). *Escritos (1932-33)*. Bogotá: Pluma, tomo IV, vol. 1.

TROTSKY, Leon (1994). *Aonde vai a França*. São Paulo: Desafio.

TROTSKY, Leon (2011). *Revolução e contrarrevolução na Alemanha*. São Paulo: Sundermann.